

Carla Soriano Lago Carvalho

Graduada em Pedagogia e Filosofia (UEMA);
Especialista em Educação Especial/ Educação Inclusiva (UEMA);
Especialista em Libras (FATEH);
Professora Instrutora e Intérprete de Libras da rede estadual em Bacabal.

Rosângela Silva Oliveira

Doutora e Orientadora

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo identificar as principais dificuldades dos surdos dentro do contexto escolar com relação à comunicação, trazendo à evidência a importância da língua de sinais para o desenvolvimento das pessoas com surdez. Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa realizada com 76 alunos ouvintes que estudaram com surdos e cursaram o Ensino Médio no Centro de Ensino Maria Casimiro Soares em Bacabal. Para a mesma, foram utilizados questionários a fim de averiguar o nível de conhecimento da Língua Brasileira de Sinais e sua importância para a educação de surdos, além de observações e diálogos com professores, surdos e seus familiares. Como fundamentação teórica utilizou-se autores como, Gesser (2009), Oliveira (2010), Novaes (2010), Vigotsky (1996), dentre outros importantes pesquisadores da área da surdez e linguagem. A partir da análise dos dados observou-se que a maioria dos discentes não estabelece uma comunicação com os estudantes surdos através da Língua Brasileira de Sinais, o que acarreta inúmeros prejuízos na interação e desenvolvimento na troca de experiências no contexto educacional, uma vez que a importância social desta língua ainda não é conhecida como deveria.

Palavras-chave: surdez; comunicação; sala de aula.

INTRODUÇÃO

Atualmente no Brasil, a discussão do tema da Educação Inclusiva é bastante comum. As legislações vigentes dão suporte ao que deveria ser seguido na prática e as mesmas são elencadas de maneira a orientar as ações para as necessidades apresentadas pelas mais variadas deficiências e transtornos. Nessa perspectiva, os surdos são contemplados por diferentes leis, decretos e portarias que visam incluí-los nos diversos ambientes sociais; entre eles, a escola que deve ser um espaço de interação e desenvolvimento.

Sem dúvida, ser uma minoria linguística em meio a uma sociedade majoritária de ouvintes não é tarefa fácil. Os surdos enfrentam muitas

barreiras sociais e vem lutando para garantir sua cidadania e primordialmente, o direito de se relacionar com uma comunicação livre, sem embaraços, sem constrangimentos, compreendendo e sendo compreendidos por todos à sua volta. Por isso torna-se importante conhecer alguns aspectos que norteiam a vida de quem tem surdez para que a sua identidade e forma de ver a vida sejam entendidas. Para que haja realmente a valorização do Surdo, ele precisa ser visto como uma pessoa bilíngue e que está inserido em contextos sociais diversos.

Nesse sentido, o intuito do presente artigo é analisar o nível de conhecimento da língua Libras¹ de sinais por alunos ouvintes, bem como sondar o entendimento sobre a importância desta língua como base de comunicação entre surdos e ouvintes, sendo, portanto, uma ferramenta para promover sua educação e inclusão social. A verificação de como é realizada a comunicação na sala de aula pode viabilizar o incentivo à qualidade da socialização do surdo no ambiente escolar através da Libras e reduzir a desinformação sobre a língua materna do sujeito surdo, trazendo benefícios para os demais contextos sociais.

O surdo é definido pela Lei Federal 10.436 de 24 de Abril de 2002, em seu Artigo 2º como pessoa que interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras. (BRASIL, 2005).

A amplitude do som geralmente é aferida ou avaliada em decibéis (db), que descreve a potência de um som. Sons superiores a 70 decibéis são percebidos como altos e os inferiores a 20 decibéis são considerados baixos. Assim, os sons da fala normal estão em cerca de 40 decibéis. Novaes (2010) aborda as classificações dos graus de perdas auditivas, sendo elas: a) de 25 a 40 (db)- surdez leve; b) de 41 a 55 db – surdez moderada; c) de 56 a 70 db – surdez acentuada; d) de 71 a 90 db – surdez severa; e) acima de 90 db- surdez profunda; f) anacusia.

Cada um dos graus citados acima pode trazer diferentes implicações com relação ao desenvolvimento, como demonstrado por Novaes² (2010, p. 45-46)

quando a surdez é leve, os sons da fala são perceptíveis, sendo possível adquirir e desenvolver a linguagem oral; na moderada, o progresso tanto da fala como da linguagem ocorre de forma gradual, com alterações articulatórias, não se consegue ouvir a fala em lugares com barulhos, dificultando a apreensão da leitura e da

¹ A sigla Libras está assim grafada, somente com a inicial maiúscula, porque está de acordo com as regras de siglema, ou seja, "nomes abreviados formados não apenas das letras iniciais das palavras que as compõem, mas também de sílabas, adquirindo assim, um caráter de palavra". (PIACENTINI, 2006).

² Possui vasta experiência na área linguística, com ênfase no par-linguístico Libras- Língua Brasileira de Sinais/ Língua Portuguesa, atuando, desde 1996, diretamente com a sociedade surda. Desenvolve valiosas pesquisas acerca da importância social da Libras na sociedade surda, em uma visão interacionista, humanística e jurídica, assim como sua cultura. (VITÓRIO apud NOVAES, 2010, p.12)

fala, além de ser desatenta; na surdez severa a fala e a linguagem não são adquiridas de forma espontânea; e a surdez profunda dificilmente se consegue desenvolver uma linguagem oral, só percebe sons como trovões, bombas, aviões, faz uso da leitura orofacial.

Por isso, conhecendo as diferentes implicações é possível adaptar as formas de intervenções para que as estratégias e relacionamentos sejam estabelecidos da melhor maneira, trazendo com isso, desenvolvimento e autonomia para os surdos. Uma vez que, dependendo do grau e também do período que se adquiriu a surdez, se antes ou depois da aquisição da linguagem, o progresso no desenvolvimento linguístico e social do surdo pode ser estimulado adequadamente ou sofrer um processo de estagnação ou retrocesso. Como bem afirma Bernadino apud Novaes (2010), que se a aquisição da linguagem não for introduzida o mais cedo possível o seu desenvolvimento pode ser retardado ou prejudicado. E que a língua de sinais é a única forma para isso acontecer nos casos das pessoas com surdez profunda.

Isso significa dizer que a surdez não está relacionada somente às questões clínicas, mas se expande para um contexto social de busca de espaços e de apropriações de identidades surdas. Segundo Manhães (2012 p.13) “ser surdo não é apenas não ouvir [...] é ver o mundo de uma forma totalmente diferente da ótica de mundo do ouvinte. É assimilar conhecimento, significar o mundo e a si mesmo através da visão”. Por isso, é importante conhecer as diferentes maneiras como a linguagem é estabelecida entre seus pares e também com ouvintes. O olhar da sociedade sobre a surdez pode tanto eliminar barreiras existentes, como também tornar a situação da exclusão mais acentuada na vida dessas pessoas.

A autora Gesser (2009, p. 64) relata a opinião de uma surda que aborda justamente sobre essa questão, onde diz que:

A surdez é um problema quando a sociedade passa a me ver como um problema. Quando tenho a oportunidade de interagir com pares que me identifico através da língua de sinais, quando tenho a oportunidade de estudar em uma escola que utilize sinais, quando tenho meus direitos assegurados, me sinto apta e capaz.

Assim, pode-se entender que o sujeito Surdo sofre interferência da esfera social que está inserido, no processo de construção de sua identidade, que por sua vez, não é estática, mas molda-se de acordo com o entendimento de si mesmo. Esse entendimento está condicionado, portanto, à maneira como a sociedade o interpreta, trazendo ou não atributos de valor a esse sujeito, isso demonstrará o poder que tem a informação a cerca dessas pessoas.

A Libras é considerada, por uma grande maioria, a língua materna dos surdos, e o que muitos não sabem é que do ponto de vista da

sociolinguística pode existir vários critérios para a definir como sendo materna. Nesse sentido, SKUTNABB-KANGAS (1994 apud LEVY; SIMONETTI, 1999, p. 20 e 21) afirma que uma mesma pessoa pode ter diferentes línguas maternas dependendo de qual definição usar, ou seja, de acordo com os seguintes critérios: origem, identificação interna, identificação externa, competência e função.

Portanto, a língua materna também é relacional. À medida que uma pessoa aprende a língua de sinais ajudará na representação da mesma. A inclusão deve começar sempre na família e através da Libras, se estendendo para as demais instituições sociais, como a escola. E esta, por sua vez, é um espaço que deve disponibilizar a todos os alunos, inclusive aos surdos, o desenvolvimento integral, estabelecendo o elo de comunicação necessário para esse processo de troca e construção de conhecimentos.

METODOLOGIA

Para investigar as barreiras existentes na comunicação entre surdos e ouvintes na sala de aula, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e de campo. O público-alvo foram 26 alunos do 1º ano do Ensino Médio, 25 alunos do 2º ano do Ensino Médio e 25 alunos da primeira etapa do EJA, somando um total de 76 alunos entrevistados. O instrumento usado para esse estudo foi uma entrevista informal com perguntas sobre o tema em questão nas salas de aula onde estudam surdos, além de observações do contexto escolar, incluindo a forma de comunicação estabelecida com os professores. O universo da pesquisa foi o Centro de Ensino Maria Casimiro Soares na cidade de Bacabal, localizada à Rua Clores Miranda s/nº, Centro.

Utilizou-se um questionário fechado, composto por seis questões objetivando identificar como se realizava a comunicação entre os alunos na sala de aula, detectando os níveis da socialização do surdo com os demais discentes, bem como, verificar quais as dificuldades mais frequentes na comunicação entre o surdo e ouvinte em situações de aprendizagem escolar.

Durante o desenvolvimento do trabalho, achou-se interessante coletar informações de como acontecia a comunicação também no contexto familiar dos alunos surdos. Os questionários foram elaborados baseados em perguntas sobre: o primeiro contato com a Libras por parte do surdo e de seus familiares; o apoio dado pela família nas realizações das atividades escolares e sobre o consentimento da necessidade de se estudar a Libras de forma mais elaborada; a importância da língua de sinais para o desenvolvimento deste aluno, bem como as consequências que a falta de comunicação pode trazer para os surdos. Através de diálogo e observações foi possível também adquirir informações a cerca de seis alunos surdos (01 cursando o 2º ano do Ensino Médio, 02 cursando o 3º ano, 01 cursando o 1º ano e 02 cursando a 1ª Etapa do EJA), no tocante à aquisição e habilidades com a Língua de Sinais Brasileira.

RESULTADOS

Os dados desta pesquisa foram coletados através de observações diretas e questionários aplicados aos alunos ouvintes e às famílias dos alunos surdos. Os resultados serão expostos e alguns questionamentos seguem representados através de gráficos.

Interação na sala de aula

- Nível de comunicação em sala de aula com aluno surdo

Percebeu-se as dificuldades que os alunos ouvintes têm com respeito à comunicação com os alunos surdos em sala de aula, pois 79% dos entrevistados afirmaram não conseguir se comunicar com o aluno surdo e apenas 21% consegue estabelecer comunicação. Com base nesses dados pode-se inferir que o aluno surdo nesse ambiente de dificuldades na comunicação sofre algumas restrições, acarretando prejuízos em suas relações e aprendizagem.

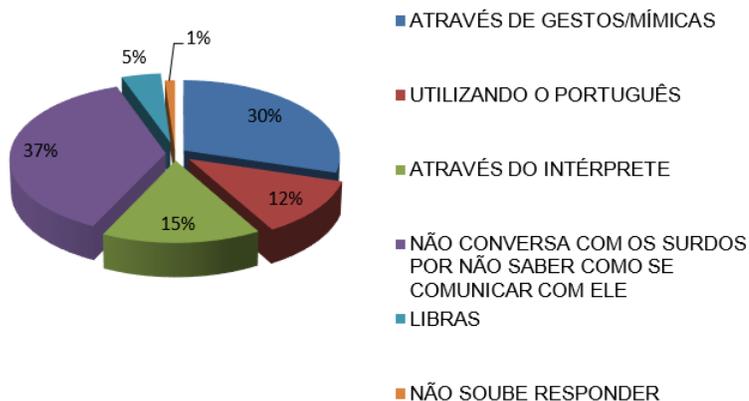
É notável a importância de se possibilitar uma interação entre os alunos ouvintes e os surdos dentro da sala de aula, uma vez que ambos necessitam dela para o desenvolvimento social. Nesse sentido WEBER (1922, apud COHN, 1997, p. 30) afirma que:

A relação social diz respeito à conduta de múltiplos agentes que se orientam reciprocamente em conformidade com um conteúdo específico do próprio sentido das suas ações. Na ação social, a conduta do agente está orientada significativamente pela conduta de outro ou outros, ao passo que na relação social a conduta de cada qual entre múltiplos agentes envolvidos (que tanto podem ser apenas dois e em presença direta quanto um grande número e sem contato direto entre si no momento da ação) orienta-se por um conteúdo de sentido reciprocamente compartilhado.

- Meios de comunicação e interação com o aluno surdo

O gráfico a seguir expõe como acontece a comunicação entre ouvintes e surdos dentro da sala de aula. 30% dos alunos se comunicam através de gestos ou mímicas, 12% utilizam a Língua Portuguesa, 15% se comunicam através do intérprete de Libras, 5% usa a Libras, 37% não conversa com o surdo por não saber se comunicar com ele e 1% não soube responder.

Comunicação com os alunos surdos



Fonte: Própria autoria, 2019.

É importante destacar que a comunicação com a pessoa surda é realizada através de alguns métodos considerados mais comuns, como por exemplo: língua de sinais, utilização da língua portuguesa escrita, leitura labial e através do profissional tradutor/ intérprete de Libras. O interessante, além de conhecer os métodos citados anteriormente, é identificar o mais conveniente para cada situação. Lembrando que não são todos os surdos que fazem leitura labial, que utilizam o português escrito e a língua de sinais. Por isso, se faz necessário sondar primeiramente como a pessoa se comunica, para só assim, iniciar um diálogo eficaz.

No caso dos discentes surdos do C. E. Maria Casimiro Soares, vale destacar que em sua maioria, possuem surdez severa bilateral. Podendo-se entender, a partir dessa informação que eles precisam da Libras nos processos de comunicação, para que se desenvolvam de forma mais eficaz. Não menosprezando a Língua Portuguesa, uma vez que sua relevância é notória para o dia a dia das pessoas com surdez. Por isso, o estudo da Língua Portuguesa é imposto por algumas razões, que podem ser conferidas na Lei Federal nº 9.394/96 em seu Art. 26 § 1º, como bem coloca Carneiro (2015, p.319):

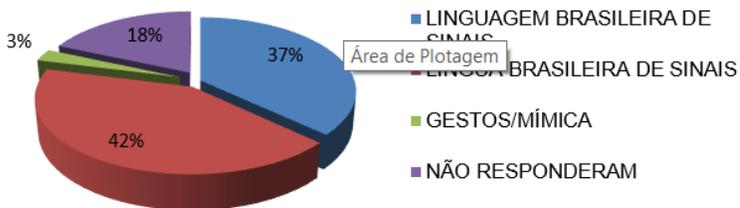
Toda pessoa é um ser de comunicação. O uso de uma língua é impositivo para a realização desta marca humana essencial; A língua se realiza no uso, nas práticas sociais e, por isso, ela é um instrumento de transformação do próprio conhecimento; A aprendizagem da Língua Portuguesa amplia as atividades da fala, escrita, leitura e escuta; A língua é um veículo de

representações, concepções e valores socioculturais; A língua é nacional e um instrumento essencial de intervenção social; Um adequado domínio da Língua Portuguesa facilita, ao aluno, a aprendizagem de todos os demais conteúdos.

Sabe-se da importância do aprendizado da língua portuguesa por parte dos surdos, pois ela tem um papel fundamental em sua escolarização e em sua vida no dia a dia; uma vez que a Libras não pode substituir a modalidade escrita da Língua Portuguesa, segundo a Lei Federal nº 10.436 de 24 de abril de 2002 (Lei da Libras). Porém, mais importante ainda é saber que a Libras tem uma função inigualável na vida dos surdos que a utiliza, como afirma Bernardino (2000, pág. 52, apud NOVAES, p. 84, 2010) que a língua de sinais, para o surdo, tem um valor importantíssimo: é ela que possibilita seu relacionamento com o mundo surdo e com o ouvinte; é a língua pela qual expõe naturalmente suas emoções. Por isso, eles precisam ser inseridos num ambiente onde sua língua natural seja exposta com frequência e primazia, não de maneira secundária.

- Conceitos e significados da Libras em sala de aula

Significados da Libras



Fonte: Própria autoria, 2019.

Questionou-se também sobre o significado da Libras e 42% dos alunos responderam Língua Brasileira de Sinais, 37% Linguagem Brasileira de Sinais, 18% não souberam responder e 3% responderam Gestos/mímica.

Observa-se que a maioria dos entrevistados identifica a Libras como a Língua Brasileira de Sinais. E ela é definida na Lei Federal nº 10.436 (BRASIL, 2002) como a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. Mas, podem-se perceber também muitas dúvidas com relação à língua de sinais, embora os estudos tenham evoluído e constatarem que ela tem patamar de língua e é

comparada às línguas orais em níveis de complexidade, possui gramática própria e não depende linguisticamente de nenhuma outra língua oral.

Gesser (2009), destaca que Stokoe direcionou seus estudos para a estrutura dos sinais da ASL (língua de sinais americana) e com sua observação pode descrever alguns níveis gramaticais que foram o fonológico e morfológico, que a partir deles, salientou três parâmetros que constituiria a língua de sinais: configuração de mão (CM); ponto de articulação (PA) ou locação (L) e movimento (M). Ele descobriu que a língua de sinais tem gramática própria- morfologia, sintaxe e pragmática; sendo estes aspectos a configuração de mão, movimento e locação. A partir de suas pesquisas a língua de sinais passou a ser encarada de uma forma diferente, e não mais apenas como um apoio comunicativo. Por isso, não deve ser considerada apenas uma linguagem, nem mesmo ser reduzida a um apoio linguístico, visto que esse pensamento foi contrariado por diversos estudos nessa área.

- Capacitação em Libras

Com as respostas apuradas sobre a realização de cursos de Libras, pode-se observar que falta incentivo para buscar a aquisição desta língua como L2 (segunda língua), pois 99% dos alunos ainda não fizeram um curso de Libras, apesar de haver na atualidade uma divulgação considerável da mesma nas redes sociais e em diversos setores, muitos deles gratuitos; ela ainda precisa ser adquirida por uma parte considerável da sociedade, intensificando seu uso e difusão nos mais diferentes contextos. Para isso é importante haver políticas públicas que divulguem essa língua, a propósito do Projeto de Lei nº 2040/2011 que está tramitando, cujo objetivo principal é estabelecer a oferta do ensino de Libras em todas as etapas da Educação Básica. Com a aprovação do referido projeto a inclusão do aluno surdo será viável, pois a Libras estará mais presente no ambiente escolar.

Mas é interessante citar que na escola observada já existe um projeto em fase de elaboração por parte de instrutores e intérpretes de Libras para o ensino desta língua para os alunos ouvintes. Quando concretizado trará um grande desenvolvimento para toda comunidade escolar, uma vez que a comunicação com o surdo será possível e as barreiras e dificuldades serão atenuadas.

- Interesse em aprender Libras

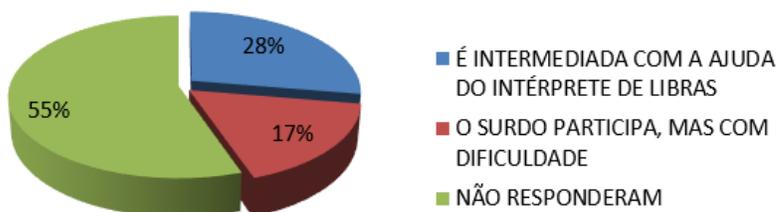
95% dos entrevistados demonstraram interesse em aprender a Língua Brasileira de sinais. Nota-se que os alunos percebem que a falta de diálogo com os alunos surdos é um problema que precisa ser resolvido e pode ser amenizado com o aprendizado e o uso da língua de sinais no cotidiano da sala de aula.

Esse posicionamento é muito positivo, pois demonstra uma sensibilização e entendimento de que precisam valorizar, em sua vivência escolar, os alunos surdos tanto nas atividades propostas, quanto em

momentos de informalidade. Isso torna o processo inclusivo mais próximo da realidade, uma vez que a inclusão só acontece quando existe o respeito às diferenças.

- Níveis de interação com os alunos surdos nas atividades em grupo

Interação nas atividades em grupo



Fonte: própria autoria, 2019.

Segundo as repostas concedidas pelos entrevistados 28% informaram que a comunicação é intermediada pelo profissional Intérprete, 17% responderam que o surdo participa com dificuldades e 55% não responderam, mas usaram a justificativa de que não haviam realizado atividades em grupo até a data da entrevista.

Foi observado que os profissionais intérpretes da escola pesquisada totalizam 05, são servidores efetivos do Estado do Maranhão com cerca de 4 a 10 anos de experiência, participam da comunidade surda de Bacabal e três deles fazem parte da ASTILB- Associação de Surdos, Tradutores/Intérpretes de Libras de Bacabal.

Vale ressaltar a importância do profissional Intérprete em sala de aula e em todo o contexto da escola para os alunos surdos nela presentes, pois é responsável por mediar os diálogos e segundo Quadros (2009, p. 19) ele atua na tradução e/ou interpretação de Libras e da Língua Portuguesa e trabalham em três campos: na intermediação da comunicação entre as pessoas surdas usuárias da Libras e as pessoas ouvintes que utilizam a Língua Portuguesa em diferentes contextos; na tradução de textos em Libras para o Português e vice versa; e no auxílio quanto ao esclarecimento da forma escrita produzida pelos surdos em diferentes contextos.

Este profissional precisa estar acompanhando as mudanças que ocorrem nas línguas envolvidas, não podendo negligenciá-las. Sem ele a comunicação fica prejudicada e fere os direitos dos surdos, mais especificamente o de sua cidadania. Porém, um erro muito comum é pensar que somente a presença do Intérprete de Libras em sala de aula pode resolver definitivamente o problema da exclusão de surdos, incluindo-os de maneira satisfatória. Mas ele sozinho não consegue tal resultado, pois precisa

haver o engajamento de todos os envolvidos do processo educacional, principalmente do professor regente e de alunos ouvintes.

Interação com os professores

A comunicação entre os professores e alunos surdos é mediada através do profissional Intérprete de Libras. A maioria tem interesse em aprender a língua de sinais e manifestam diversas iniciativas de conversas e orientações aos alunos com surdez, embora não tenham domínio e às vezes nem mesmo noções de como elaborar os sinais. A preocupação também é percebida quanto às realizações de atividades e avaliações, pois observam muitas dificuldades enfrentadas por eles devido a complexidade da língua portuguesa e de muitos conteúdos. Tal atitude demonstra compromisso e preocupação com relação ao aprendizado desses alunos e sua socialização.

Nesse sentido, para tentar diminuir alguns entraves, no início do ano letivo, a gestão da escola sede espaço para a equipe de Educação Especial/Inclusiva fazer palestras correlatas à temática Inclusão de alunos com deficiência.

Interação com familiares

Para identificar o papel da família do sujeito surdo e os desafios que esta enfrenta na comunicação com eles, foi realizada uma pesquisa qualitativa, aplicada aos familiares. Primeiramente buscou-se identificar cada responsável e o grau de parentesco com o aluno surdo; seguindo para uma investigação acerca do nível de comunicação no ambiente familiar; o que seria utilizado na comunicação; o conceito de Libras e o nível de fluência na mesma; qual a importância de familiares de pessoas surdas aprenderem Libras e de como esse aprendizado poderia favorecer a aquisição de conteúdos diversos; quais as consequências que a falta de comunicação pode trazer para os surdos e foram questionados também acerca da necessidade de não só aprender, mas de continuar estudando a língua de sinais.

Os questionários elaborados com 10 perguntas foram aplicados para 05 familiares, dentre eles, irmãos, mães e avós que moram com os alunos surdos. De acordo com as respostas apresentadas, 03 avaliaram ter um bom nível de comunicação, enquanto 2 a consideraram regular. A comunicação acontece através de gestos/mímicas por todos os entrevistados. Com relação ao significado da sigla Libras, apenas 2 responderam Língua Brasileira de Sinais, 2 Linguagem Brasileira de sinais e 1 considerou ser Língua oral auditiva. 3 deles não souberam precisar o nível de fluência na Libras e 2 consideraram nível básico. Para 4 dos familiares, é importante aprender a língua de sinais por esta contribuir para o desenvolvimento pessoal, intelectual, emocional e profissional do surdo, e 1 respondeu que é para ajudá-lo em suas atividades escolares. Todos concordaram que o aprendizado da Libras tanto pelo surdo, quanto por seus familiares, favorece a aprendizagem de qualquer conteúdo. Com relação às consequências da

falta de comunicação pode trazer para os surdos, 4 optaram por: limitação em sua língua, acarretando prejuízos em todas as áreas de sua vida e 1 frisou como consequência apenas a privação e uma profissão. E por fim, todos concordaram que o surdo e seus familiares precisam estudar a Libras.

A família, nesta perspectiva, precisa entender o seu papel na tão grande responsabilidade do desenvolvimento integral do surdo, uma vez que a linguagem é primordial para qualquer ser humano e a base para sua evolução. Porém a família não tem o conhecimento suficiente sobre Libras e não sabe que ela poderia ser a língua materna dos surdos e a maioria das pessoas que integram os espaços escolares também não tem essa informação. O que acaba prejudicando o desenvolvimento dos alunos surdos nesse sentido. Pois como afirma Vigotsky (1996), a linguagem viabiliza denominar objetos, ações, qualidades, características, possibilitando também abstrair, analisar, generalizar e fornecer conceitos para ordenar o real em categorias conceituais.

Além de outras funções fundamentais, como cuidar, suprir as necessidades básicas, enfim, uma família com uma pessoa surda precisa entender que aprender Libras é mais uma destas funções que precisa ser inserida. Isso proporcionará qualidade de vida para ele, pois irá favorecer o seu desenvolvimento humano e boas relações entre os membros da família, abrindo caminho para independência e produtividade.

De acordo com Quadros e Cruz (2002) no processo de relação familiar, a comunicação favorece a compreensão das dúvidas, a demonstração de carinho e amor, entre outras coisas, uma vez que para adquirir essas informações é necessário estabelecer-se uma mesma linguagem. Nesse sentido, Levy (1999, p. 20) argumenta que:

Muitos estudos mostram que filhos surdos de pais ouvintes e filhos surdos de pais surdos expostos à Língua de Sinais vêm apresentando resultados bastante satisfatórios demonstrando principalmente que a surdez em si não os impede de se constituírem cognitivamente, linguisticamente, emocionalmente e consequentemente social e culturalmente.

Por isso, a família tem responsabilidade com relação à educação, pois é no seio dela que são encontrados elementos importantíssimos como a afetividade, confiança, motivação, autoestima, maturidade, respeito. Tudo isso é considerado por Carneiro (2015), como chão e base de sustentação para o desenvolvimento da aprendizagem, pois é o que nutre a socialização e a sócio - afetividade.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa trouxe à evidência algumas questões importantes que circundam a vida e cultura das pessoas surdas na sociedade, mais precisamente dentro do contexto de sala de aula. Muitas barreiras precisam

ser vencidas e a falta de comunicação através da língua de sinais é uma das principais. O contexto escolar é multicultural e bem diverso e quando se fala em cultura e identidade surda, isto é, significativamente acentuado, pois dentro de uma sociedade majoritária de ouvintes, tentam viver sua cultura e divulgar a sua língua para que haja respeito e convivência com mais dignidade.

O ambiente da sala de aula é um “palco” de oportunidades e crescimento não só nos aspectos curriculares, mas integral mesmo, onde se podem trabalhar questões intrínsecas aos seres humanos. Algumas atitudes das pessoas frente aos surdos, como o constrangimento por não saberem estabelecer uma boa comunicação ou até mesmo o pensamento de que eles são autistas, psicóticos dentre muitos estereótipos, traz um prejuízo imensurável para esse grupo social, pois evidenciam o preconceito baseado no desconhecimento.

Enquanto houver desconhecimento da surdez e de suas implicações no modo de viver das pessoas surdas, haverá muitos impedimentos na forma de entender as mesmas, pois o pensamento acerca das limitações intelectuais e de um déficit na linguagem será destacado em detrimento de seus potenciais e habilidades. Possuir informações é imprescindível, à medida que elas esclarecem e eliminam as dúvidas, pois possibilitam o enriquecimento nas relações e o acesso à cultura surda, levando à prática do respeito pelo outro, por suas diferenças e sua forma de ser. Sendo assim, é necessária uma reflexão sobre o desejo da sociedade em ter o favorecimento e a viabilização de uma cidadania completa; onde a diferença cultural e também linguística do surdo possa ter uma base de respeito.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Fernando Haddad. 2005.

_____. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais- Libras e dá outras providências. Brasília: Paulo Renato Souza, 2002.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil: leitura crítico-compreensiva, artigo por artigo.** 23 ed. Revista e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

COHN, Gabriel. Weber: **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1997.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

LEVY, Cilmaria Cristina Alves da Costa; SIMONETTI, Patricia. **O surdo em si maior**. São Paulo: Roca, 1999.

MANHÃES, Marília Moraes. **O clamor do silêncio estratégias para evangelização de surdos**. 3 ed. Atualizada e revisada. Rio de Janeiro, 2012.
NOVAES, Edmarcius Carvalho. **Surdos: educação, direito e cidadania**. Rio de Janeiro: Wak Ed; 2010.

PIACENTIN, Maria Tereza de Queiroz. **Siglas**. Disponível em: <<http://www.kplus.com.br/materia/gramatica>>. Acesso em: 04/03/2019.

QUADROS, Ronice Muller de; CRUZ, Carina Rebello. **Língua de Sinais: instrumento de avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUADROS, Ronice Muler de; STUMPF, Marianne Rossi. **Estudos Surdos IV**. Editora Arara Azul Ltda. Petrópolis- RJ, 2009.
VIGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. Rio de Janeiro; Martins Fontes, 1996.